

DISCURSOS DE FORMAS URBANAS CONTEMPORÂNEAS: ASPECTOS MORFOLÓGICOS E SOCIOTERRITORIAIS

Sandra Catharinne Pantaleão Resende (UEG, UnB)

Halina Veloso e Zárate (PUC-GO)

Introdução

O período posterior à II Guerra Mundial apresenta outras formas urbanas distintas daquelas configurações respaldadas pela Revolução Industrial. As décadas de 1950 e 1960 são tidas como ponto de inflexão para os estudos urbanos devido à crise urbana instaurada pela constatação da insuficiência de soluções renunciadas pelo urbanismo modernista corbusiano. Em sua maioria, eram discursos que buscavam compreender as dinâmicas do cotidiano em suas dimensões econômicas, culturais, políticas e, posteriormente, ambientais, em oposição ao modelo progressista de ideário iluminista.

Até a primeira metade do século XX, o solo urbano era pensado e planejado para priorizar as fases do processo industrial. As áreas urbanas eram divididas conforme usos determinados e a legislação urbanística tratava de controlar a ocupação de novas áreas e administrar as já existentes. Porém, a organização do solo urbano pelos usos monofuncionais provocou a formação de áreas distantes do centro consolidado, com uso misto habitacional e industrial.

O território da cidade tradicional alterou-se para suprir a necessidade de deslocamento gerada pela ocupação das áreas periféricas. Foi necessário, abrir grandes vias que promovessem a comunicação das áreas desconexas do tecido urbano, que passou a apresentar a dispersão das áreas ocupadas e a fragmentação como características. Com o deslocamento de parte da população e das atividades econômicas para a periferia, o controle do espaço urbano, pautados na racionalidade e funcionalidade, se tornou ineficaz.

A dinâmica capitalista teve enorme peso para a determinação da configuração urbana moderna e foi um fator determinante, também, de sua transformação. Até o século XX, a expansão territorial era regimentada pelo controle do Estado, reflexo do modo de produção de monopólio de capital. Com a alteração do modo de produção, que no pós-guerra voltou-se para o consumo, houve um *boom* econômico e demográfico que provocou rápido

crescimento das cidades, que se expandiram de maneira pulverizada com fragmentos heterogêneos.

Diante de tais alterações, as soluções propostas no urbanismo para a cidade industrial, que predominaram por aproximadamente cem anos (CHOAY, 1965), provaram-se inadequadas para a condição urbana das últimas quatro décadas. As premissas do urbanismo modernista foram apropriadas pelas legislações urbanísticas e, muitas vezes, se manifestaram como ações burocráticas, distantes da vida cotidiana e dos anseios da sociedade. A falta de concomitância entre as necessidades da vida urbana levaram ao fortalecimento das críticas desses discursos. Nas ciências sociais, as mais diversas disciplinas, buscaram outros caminhos que visavam, sobretudo, conceituar e apreender as mudanças em curso. Ao invés de proferir e prescrever a cidade ideal, a agenda pautava-se pela constatação do distanciamento aos discursos progressistas.

A natureza dos fenômenos que alteram e incitam transformações passaram a ser debatidos assim como as influências da antropologia, da psicanálise e da linguística, por meio do estruturalismo, colocam em voga aspectos culturais, psíquico-espaciais e análises morfológicas. Compreender a trama da cidade moderna em contraponto à cidade tradicional pareceu recorrente nos estudos urbanos. Autores como Kevin Lynch (1960) e Jane Jacobs (1961) apontam a importância da cultura e da identidade para caracterizar o espaço urbano, revelando uma visão sociológica. Esta postura complementa a visão filosófica e historiográfica de Solá-Morales (1996), em consonância com o ponto de vista geohistórico de Soja (2008) e, a sua medida, com a caracterização generalizada de Koolhaas (1995; 2001). Os novos estudos reconhecem que o espaço urbano contemporâneo manifesta diversos aspectos a ser compreendidos. Constatou-se que as dinâmicas econômicas despertam alterações morfológicas e socioterritoriais à medida que a cidade denuncia a própria vida humana numa cadeia de relações complexas e mutantes. Isso passa a exigir dos estudos urbanos, métodos e possibilidades de captação dessas mudanças, que foram salientadas por diversos discursos, desde a instituição da própria disciplina urbanismo.

Forma Urbana Contemporânea: sobreposição de tempos e novas abordagens

A instituição do urbanismo como campo de conhecimento visava, sobretudo, dispor de instrumentos para organização da vida. Uma vida concentrada e organizada a partir do modelo econômico que se anunciava e que transporia as formas tradicionais. Para Choay (1965), o século XIX caracteriza-se pelas cidades industriais e o século XX, a era das metrópoles. A cidade acompanha as transformações da sociedade industrial e, portanto, os

desafios dessas mudanças mediante à necessidade de ordenar os locais da vida urbana estariam vinculados ao termo *urbanismo*.

Urbanismo é fruto do século XX em consequência da expansão da sociedade industrial do século XIX. Disciplinar e dotar de cientificidade os discursos caracterizam-na em prol de buscar soluções que a industrialização provocou, alterando a morfologia das cidades tradicionais em tamanho, em escala ou em hierarquia das funções e papéis simbólicos da arquitetura e sua inserção no tecido urbano.

A partir da demarcação temporal da disciplina (CHOAY, 1965), pode-se vislumbrar a formação de discursos. Com isso, tem-se, desde às primeiras críticas às cidades industriais, a necessidade de planejá-las conformando-se posturas *progressistas* e *culturalistas*, muitas vezes por modelos utópicos.

O *modelo progressista* reporta-se às proposições de cunho racionalista, baseadas no homem universal e em suas necessidades. Destacam-se algumas características que permitem a ordenação do espaço resultante de convicções de progresso e da razão iluminista. Uma delas é o caráter higienista, introduzindo espaços abertos e áreas verdes; soma-se também a definição do traçado a partir das funções humanas, distinguindo-se os locais para realização das atividades: moradia, lazer, cultura, trabalho e circulação; e a solução estética racionalizada, em substituição aos ornamentos e disposições rebuscadas do passado. A somatória de forma e função resulta na ordem sistematizada por modelos dotados de rigor geométrico, visando uma cidade ideal e deduzida pela lógica. Nela, deveriam estar garantidos os princípios de ordenação disciplinada do espaço urbano, principalmente às soluções das áreas habitacionais, visto a crescente quantidade de população, regulando a expansão territorial e a relação campo-cidade.

Já o *modelo culturalista* evocava uma organização espacial baseada no agrupamento ou no coletivo. Há uma postura de vincular o passado ao presente e, com isso, dotar o primeiro de carga histórica de referência tendo como fio condutor a cultura. Como características, a cidade de cunho cultural se baseia no contraste com a natureza e, portanto, com limites precisos que a circunscrevem; seu tamanho é comparável aos das cidades medievais, valendo-se da densidade em contraponto ao espraiamento e formação de áreas suburbanas; nega-se o traçado geométrico a favor de uma ordem orgânica herdadas da tradição histórica da inserção das cidades na paisagem.

A sistematização de Choay (1965) permite analisar as proposições urbanísticas entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX apresentando a historiografia da cidade industrial em dois momentos: o pré-urbanismo e o urbanismo como

disciplina. Em complementação, Vázquez (2004) indica abordagens que se estabeleceram pelo questionamento das proposições utópicas que cerceiam tanto os modelos progressistas e culturalistas, mas com destaque à crítica ferrenha às cidades ideais calcadas pela racionalidade e progresso iluministas. O autor busca historiografar o período compreendido entre as décadas de 1960 e 1990, em que aponta os discursos que emergiram num contexto de mudanças mais profundas, aceleradas e vorazes com a formação de aglomerações urbanas distantes dos padrões prescritos dos discursos vigentes.

A complexidade da vida urbana e sua intensidade a partir dos anos 1960 incitaram discursos de diversas áreas do conhecimento vinculados às ciências sociais e às ciências humanas. E, ao contrário de definição exclusiva do caráter disciplinar, os estudos urbanos passaram também a rever as posturas utópicas em prol de reflexões e proposições condicionadas à vivência do espaço urbano.

Vázquez (2004) atenta-se para os filtros ou lentes de cada visão interpretativa da cidade e as propostas de intervenção que almejam. Essas visões não se caracterizam como os modelos citados por Choay (1965), mas como possibilidades de discursos sensíveis a determinados pontos, elegendo-se parte do emaranhado de tramos ou camadas que conformam a cidade contemporânea.

Para tanto, postula quatro visões urbanas que se sobrepõem:

1) **Visão culturalista:** a história como fio condutor, na qual pode-se vincular as proposições de Jane Jacobs (1960), Aldo Rossi (1966), Solá-Morales (1996), Leon Krier (1996), entre outros;

2) **Visão Sociológica:** baseada na vida social e na economia como argumentos centrais e que convergem as posturas de Edward Soja (2000) e Rem Koolhaas (1978; 1995; 2001; 2010), entre outros autores como Saskia Sassen (1991), Zaida Muxi (2004), Francesc Muñoz (2008), Manuel Castells (1999), Fredric Jameson (1991);

3) **Visão organicista:** baseia-se na ciência e na filosofia como fontes discursivas e que se associam aos discursos de Jan Gehl (2001; 2008), Jordi Borja e Zaida Muxi (2001) e Rubió Solà-Morales (2001) e Ignasi Solà-Morales (1996), principalmente à ênfase dada aos espaços públicos e à relação homem-habitat;

4) **Visão tecnológica** que enfatiza a técnica como mecanismo de organização e transformação do espaço, na qual também podem ser apreendidas as impressões de Soja (2000) ao apontar os processos de reestruturação do espaço urbano pela matriz econômica e as de Koolhaas (1995; 2001) ao indicar o confronto de escalas entre a forma urbana e a arquitetura.

As visões reforçam as leituras possíveis do espaço urbano e indicam a interdisciplinaridade necessária para a compreensão da cidade contemporânea e seus diversos tramos. Áreas urbanizadas que se reinventam e se reconstróem em ritmos mais acelerados desde meados dos anos 1970, dada a migração e adensamento populacionais. Aborda as condições de produção dos discursos e as possibilidades de análise, conformando-se 12 cidades (quadro 1), que constituem as camadas possíveis de interpretação.

Quadro 1: Visões propostas por Vázquez e relatos de cidades a partir das características ressaltadas.

Visão Culturalista	Cidade da disciplina
	Cidade planejada
	Cidade pós-histórica
Visão Sociológica	Cidade global
	Cidade dual
	Cidade do espetáculo
	Cidade Sustentável
Visão Organicista	Cidade como natureza
	Cidade dos corpos
	Cidade vivida
Visão Tecnológica	Cibercidade
	Cidade <i>chip</i>

Fonte: Vázquez (2004, p. 2), adaptado pelas autoras (2014)

Dentre as quatro visões e doze camadas, foram aprofundadas as visões culturalista e sociológica, considerando-se os autores e as características percebidas em seus discursos. Algumas camadas das demais visões são apontadas, intercalando-se as mudanças socioterritoriais e reestruturações econômicas. Ao mesmo tempo, é possível também visualizar nessa visão os enclaves urbanos e pontos de fragmentação do território, por meio de processos de segregação socioespacial.

Quanto à visão tecnológica, interessa-nos observar a tecnologia como aporte para as mudanças verificadas nas cidades desde os anos 1920 cunhada pela expressão “cidade maquinista” (VÁZQUEZ, 2004, p. 172) e, atualmente, a cidade dos *chips*. Nos anos 1960, a ênfase tecnológica também foi ponto de partida para as proposições de cidade do futuro no *Archigram*, entre outros, que foi sendo pouco a pouco superada pelo impacto das tecnologias de informação, notadamente no discurso de Koolhaas (1995; 2001), que busca trazer para o projeto urbano a linguagem informacional: constituir um banco de dados, sistematizar as informações e incorporá-las aos projetos arquitetônicos e urbanísticos, mediante a organização de fluxos e a desintegração da identidade.

Cidade Contemporânea: Fragmentação, Justaposição e Fluxos Informacionais

A trama urbana contemporânea alude a uma série de reestruturações socioeconômicas, morfológicas e geopolíticas da produção do espaço desde a deflagração da Crise do Petróleo (1973). Houve uma reação às normas prescritivas e teorias urbanísticas vinculadas à ordem lógica e racional de controle da expansão territorial. Influenciados pelas Movimentos de Maio de 1968, a repulsa à cidade funcionalista tomou força, aflorando um debate revivalista de esquerda. Por outro lado, à medida que a pujança econômica foi sendo reestabelecida nas décadas posteriores, outros debates se somaram, principalmente, aqueles que buscavam compreender a reestruturação urbana. Compreender não a história passada e perpetuá-la, mas também, constatar as mudanças em curso e observar seus impactos para as propostas urbanísticas passaram a ser questões recorrentes, por exemplo, em Manuel Castells (1996) e David Harvey (1992). Para esses autores, as dinâmicas econômicas e a passagem de um economia fordista à da acumulação flexível concorriam para os novos processos de urbanização.

A *visão culturalista* e seus desdobramentos (cidade da disciplina, cidade planejada e cidade pós-histórica) refletem as proposições de resgate histórico-cultural das cidades europeias e indicam a valorização da tradição e da identidade local frente ao avanço da globalização e da cultura de massa. E, por outro lado, a *visão sociológica*, permite uma reflexão crítica dos autores selecionados acerca das mudanças que a crise econômica dos anos 1970 suscitou na reestruturação urbana.

A cidade da disciplina evoca a postura do Grupo Tendeza, liderado por Aldo Rossi. O pensamento desse arquiteto e urbanista, com ênfase à crítica ao funcionalismo e ao resgate da forma urbana, foi importante referência para os estudos urbanos, uma vez que buscava também a delimitação do *corpus* teórico da arquitetura e do urbanismo frente à crise do Movimento Moderno, cingida já em meados da década de 1950, quando o debate dos Congressos de Arquitetura Moderna (CIAM's) se deslocaram da unidade habitacional para as relações entre arquitetura e cidade. Também as reflexões neomarxistas e a onda de esquerda dos anos posteriores à II Guerra inflaram os discursos de resgate da história, refundando as bases disciplinares da arquitetura e do urbanismo.

Para Aldo Rossi, havia a necessidade em dotar a disciplina de cientificidade a partir da análise morfológica na qual a arquitetura era parte indissociável. A ênfase estava em reconhecer a cidade construída no tempo com suas características espaciais e formais. Para tanto, propôs uma metodologia de análise que permitiria reconhecer os *elementos urbanos* que perduraram ao longo da história e que reforçavam a estrutura formal das cidades caracterizando-se o *tipo*. As bases metodológicas defendidas pelo Grupo Tendeza

vinculavam-se às posturas estruturalistas dos anos 1960 e visava, em conjunto com a linguística de Saussure, observar as possibilidades de constituir a gramática necessária para a leitura e análise formal e espacial das cidades sendo a história um instrumento fundamental.

Compreender as regularidades da estrutura urbana ao longo da história e de que modo cada cultura interpretava o *tipo*, permitiria identificar a identidade de cada período e sistematizar a gramática urbana a partir dos *tipos como longa duração histórica*. Assim, a sistematização pretendida por Aldo Rossi permitiria revelar as estruturas irreduzíveis da cidade e sua permanente continuidade histórica, como morfema ou letras do texto urbano (tipologias arquitetônicas). Reconhecidos os elementos irreduzíveis, era possível articulá-los à arquitetura de cada período e, com isso, constituir-se a combinação dos morfemas, configurando-se *palavras e frases* do texto urbano. A morfologia urbana, portanto, permitiria a análise do conjunto, identificando-se os edifícios que estruturavam a cidade (palavras) e a sua relação com o entorno (frases). Com isso, cada período histórico e contexto socioeconômico resultava em diferentes combinações dos tipos, tendo em vista as condições históricas e ideológicas de produção dos artefatos culturais, no caso as cidades.

No entanto, a constatação das diferenças entre a cidade tradicional e a contemporânea nos anos 1970, colocou em xeque a proposição da cidade da disciplina e suscitou a substituição do plano urbanístico pelo projeto urbano: táticas arquitetônicas de intervenções pontuais, reconhecendo-se a fragmentação e a complexidade da forma urbana.

A crise do plano urbanístico e a ascensão das intervenções pontuais condicionaram o discurso dos anos 1980 vinculados à visão culturalista. O contexto da época de crise econômica também permitiu, em certa medida, a “revitalização” das áreas abandonadas por meio de estratégias econômicas, visando, sobretudo, reinserir áreas obsoletas com novos usos e atividades, notadamente aqueles que permitiriam a retomada econômica com novos postos de trabalho. Tais intervenções, muitas vezes financiadas pela iniciativa privada, ficou conhecida por *cidade dos promotores* (HALL, 1995).

Pode-se dizer que houve uma superação da visão neomarxista e a inserção de uma postura menos ortodoxa percebida, por exemplo, nos discursos de Solà-Morales (1996) e Secchi (1984) ao indicar mudanças do planejamento urbano para o projeto urbano (a cidade por partes ou intervenções pontuais). Aqui também é possível associar a postura de Soja¹ (2008) ao vincular as reestruturações urbanas como ponto de clivagem para a dinamização econômica e superação das crises, no caso a do Petróleo de 1973. Nesse sentido, a ênfase

¹ Apesar de o autor concentrar-se nas relações geohistóricas de produção do espaço e não na análise formal e especial em si, como fazem a maioria dos arquitetos e urbanistas e de vincular-se as posturas neomarxistas.

dada à identidade e às permanências morfológicas foi, pouco a pouco, sendo substituídas por projetos estratégicos que pudessem impulsionar a dinâmica econômica. O entendimento da complexidade urbana também é recorrente nas publicações de Rem Koolhaas (latente em 1978) ao elucidar a superação ou autonomia do edifício sobre as formas urbanas, ao eleger o arranha-céu como tipo característico da cidade moderna.

O tema recorrente dos anos 1980 e 1990 era a reutilização da cidade existente, visando dotar a estrutura urbana consolidada de qualidade ambiental. O foco deixava de ser a regulação da expansão territorial, e, com isso, as metodologias definidas pelo Grupo Tendenza necessitavam de revisão à medida que a lógica de mercado era incorporada às intervenções urbanas em partes industriais desativadas e na reativação da dinâmica dos centros urbanos. Outro ponto de distanciamento estava na constatação da fragmentação urbana e, portanto, a leitura estruturalista não mais abarcaria as nuances das mudanças em curso, acentuadas pelas tecnologias de informação.

Para Secchi (1984 *apud* Vázquez, 2004, p. 19), a história deveria ser instrumento de resgate e reestabelecimento das conexões entre diferentes tempos históricos e, portanto, reconhecer a constituição da cidade contemporânea pelos seus fragmentos. Além do centro tradicional, os planos e projetos visavam atender às particularidades das áreas periféricas. A ênfase deste período estava em reabilitar as áreas obsoletas, valorizando-as com a criação de espaços públicos e, conseqüentemente, permitiram a dinamização econômica, configurando-se como uma das reestruturações necessárias à sobrevivência do capital, agora de caráter especulativo e globalizado.

Solà-Morales (1996), também observa que a cidade apresenta uma rede de sistemas complexos, os quais estão associados às mudanças econômicas e aprimoramento das técnicas, principalmente de transportes e comunicações. As relações de globalização e o adensamento populacional das ditas cidades globais ou megalópoles extrapolam a proposição de leitura estruturalista e tipológica, uma vez que a organização espacial do território passa a ser condicionada por redes e fluxos informacionais interconectados. A dispersão, seguida da difusão territorial revelam tramos urbanos heterogêneos que podem estar contíguos ou interrelacionados por atividades altamente especializadas.

A terceira camada diz respeito às contradições existentes na aplicação ou apropriação das intervenções pretendidas de caráter histórico-cultural. Na sociedade pós-moderna, o rebatimento das ideias do Grupo Tendenza se disseminou pela Europa e repercutiu também como reflexo de um discurso da gestão pública na criação de novos bairros periféricos com ares do passado, uma espécie de pastiche da história: o resgate cultural e

identitário passou a ser referência para o consumo midiático e alimentou o mercado do turismo internacional. Cenários teatrais e distantes das relações de memória coletiva que inspiraram Aldo Rossi reverberavam pelas intervenções patrimoniais como estratégia de valorização da identidade local e, também, pela formação de enclaves urbanos fortificados. Estetização de um estilo de vida empreendido pelo projeto ecológico de Leo Krier (1996) e, posteriormente, denominado por *New Urbanism*, nos Estados Unidos.

A segunda visão aborda os aspectos sociais dos discursos pós anos 1960. As relações entre local e global e a repercussão das dinâmicas tardocapitalistas no espaço passaram a ser objeto de discussão da corrente neomarxista, cujos expoentes estavam em Manuel Castells (1995) e David Harvey (1992), que são apresentados por Soja (2008). No bojo da crise econômica da década de 1970, dos avanços tecnológicos das comunicações e sistemas de informação, do declínio do Estado do Bem-Estar Social e da flexibilização da produção industrial, as cidades passaram a se tornar mais adensadas e urbanizadas e menos industrializadas. Emergem, espaços de fluxos informacionais ou *continuum espacial*:

[...] um sistema integrado de producción y consumo, fuerza de trabajo y capital, cuya base son las redes de información. La reorganización espacial de las actividades económicas que de él se ha derivado ha afectado a tres sectores: la industria, donde la producción se ha transferido de los países avanzados a zonas menos desarrolladas, pero con saláries mas bajos; el trabajo de oficina, que ha permitido la relocalización de las empresas en cualquier lugar del mundo; y el sector financiero, en el cual, gracias a un proceso prévio de desregulaciones legales, también ha propulsado una expansión global. (VÁZQUEZ, 2004, p. 57)

A cidade global, como uma quarta camada (VÁZQUEZ, 2004), revela a articulação de fragmentos urbanos em escala planetária e a importância dos fluxos informacionais para o capital especulativo e financeiro. A organização espacial ocorre pelas interações das redes de telecomunicações e operam em conjunto com as práticas de intervenção urbanas midiáticas e de transformação da cidade em mercadoria: tanto por novos arranjos espaciais em áreas periféricas quanto pelas intervenções patrimoniais. Ações que revelam a relação indissociável entre planos estratégicos e infraestrutura informacional.

Muitas áreas rurais foram apropriadas para a conversão das novas empresas de tecnologia informacional e, em consequência, induziriam ao aparecimento de tantas outras áreas urbanizadas com alta concentração populacional, em diversas e diferentes partes do planeta (desde o oeste dos Estados Unidos até o leste asiático). Estas áreas, por sua vez, passaram a ser importantes centros financeiros e serviços altamente especializados.

Para Saskia Sassen (1991), as cidades globais reorganizam a geografia do planeta ao concentrarem em determinadas cidades altos contingentes populacionais e o controle e

localização do capital financeiro. E, por outro lado, permite a descentralização da cadeia produtiva, criando a interdependência do *continuum espacial*, em que se destacam os centros de poder tanto dos fluxos informacionais quanto do capital especulativo e tornam-se nós estratégicos para a articulação dos espaços de fluxos.

Nesse panorama das transformações econômicas e tecnológicas, podemos apontar os escritos de Soja (2000), Koolhaas (1995; 2001) e Solà-Morales (1996) ao indicarem as mudanças em curso e a constituição de uma organização espacial distinta daquelas historicamente consolidadas e que fora objeto de análise e definição metodológica para o urbanismo do Grupo Tendenz. As relações entre economia globalizada, fluxos e redes informacionais corroboram para a fragmentação da cidade e a articulação em escala planetária, em que se percebe o aumento das desigualdades sociais e o controle do espaço urbano.

Soja (2008) atenta-se para os discursos que visam identificar tais mudanças e demonstra, também, a necessidade de novas agendas de pesquisa, vinculadas aos estudos culturais críticos. Koolhaas e Solà-Morales observam aspectos morfológicos – tamanho, a escala e as relações perceptivas das cidades que se alteraram e novos meios econômicos e técnicos corroboraram para a dilaceramento do território, justapondo-se fragmentos urbanos de distintas configurações.

Os fenômenos, em certa medida, ignorados pela visão culturalista, passaram a ser desafio para a visão sociológica, que Bernardo Secchi aborda como cidade difusa (VALVA, 2011) e que, para Solà-Morales (1996), vincula-se a visão organicista da cidade: sujeito à mutações constantes. E, para Koolhaas (1995) desvela-se pela mudança de escala e da perda da relação entre arquitetura e cidade ao definir termos como *bigness* e *junkspace*.

Além das mudanças estimuladas pelas inovações tecnológicas e pelas dinâmicas neoliberais do tardocapitalismo, os reflexos na produção do espaço ocorrem pela formação de áreas contíguas extremamente desiguais e que inflam a visão sociológica neomarxista das injustiças sociais que a atuação global provoca na escala local. Os espaços de fluxos altamente especializados se desconectam do tecido adjacente e propulsionam migrações clandestinas e baixos salários. Essa lógica de declínio social parece, cada vez mais, aproximar-se das reestruturações necessárias para revigorar o capitalismo. Com isso, a diferença das camadas sociais tende a aumentar e provocar a desregulamentação dos direitos trabalhistas e de seguridade social.

Mediante esse quadro de diferenças sociais crescentes, a cidade contemporânea também opera na constituição de enclaves ou na delimitação das lutas de classes nas bordas

das áreas mais urbanizadas. Formam-se áreas residenciais de alto padrão cercadas por muros ao lado de loteamentos e conjuntos habitacionais para as classes trabalhadoras e de menor poder aquisitivo, que, somadas às áreas reabilitadas conformam padrões de delimitação de uso privilegiado do território pelas camadas mais abastadas, causando a *gentrificação*: a quinta camada, *a cidade dual*.

Outra consequência destes processos de reestruturação econômica dos anos 1980, está na sexta camada: *a cidade do espetáculo*: caracteriza-se pelo apelo mercadológico que as áreas reabilitadas e de valor patrimonial sofrem, tornando-se espaços exclusivos de lazer, cultura de massa e consumo. Esse fenômeno é apontado como a *dineyficção* do espaço e banalização da paisagem urbana.

Para Vázquez (2004), as análises estruturalistas e linguísticas repercutiram de forma negativa ao incitar a produção de imagens midiáticas da indústria cultural. O retorno ao passado, muitas vezes, estetizado e camuflado de uma história presentificada, oculta a autenticidade dos feitos que, de fato, tornam-se referências históricas. Uma simulação de fatos que operam a nível da artificialidade e tornam rasas as relações de memória coletiva.

À medida que a história torna-se pastiche, os discursos de Solà-Morales (1996) e Rem Koolhaas (1995) reverberam a formação de espaços de fluxos e sujeitos a mutações constantes. A longa duração histórica e a metodologia de análise da cidade pelo *tipo* passaram a ser limitadas quanto à percepção de uma urbanização complexa, conectada por redes de fluxos informacionais e fragmentada, em que diferentes arranjos espaciais se justapõem em um tecido disperso e caótico, mas articulado pelas dinâmicas de uma economia globalizada e especulativa

Esses novos arranjos espaciais, atrelados aos fenômenos contemporâneos, possibilitam outros métodos para leitura e interpretação das formas urbanas. Estas, por sua vez, são objeto de estudo de Soja (2000), Koolhaas (1995) e Solà-Morales (1996).

Características da cidade contemporânea: aspectos socioterritoriais e morfológicos

Para definir as características das cidades contemporâneas, foram observados os pontos de convergência entre as noções apresentadas por Soja (2000), Solà-Morales (1996) e Rem Koolhaas (1995).

Para Soja (2000), a cidade traduz continuamente a produção da história, noção que insere a dimensão temporal na percepção das relações entre ambiente e sociedade, bem

como das inter-relações entre campos disciplinares diversos. Soja estuda o que ele chama de Pós-metrópole, portanto, a partir da história do lugar, de acordo com Vázquez (2004, p. 2) : “[...] a história marca o tom da visão culturalista da cidade; a sociologia e a economia o da visão sociológica; a ciência e a filosofia a da visão organicista; e a técnica a da visão tecnológica [...]”. Evidencia-se como as transformações socioeconômicas do final do século XX consolidam as mudanças da configuração espacial. O capitalismo industrial impulsionou as contínuas remodelações dos espaços urbanos, também influenciadas pelas crises econômicas e políticas, e pela situação histórica e geográfica. Apesar de que estes fenômenos tenham dado origem às novas formas urbanas, Soja aponta que não houve uma ruptura com os modelos corbusianos de urbanismo, e sim uma continuidade, adaptados aos moldes capitalistas (SOJA, 2008, p.218).

As transformações que aconteceram da década de 1960 em diante podem ser descritas e interpretadas como a reconstrução seletiva e a progressiva da metrópole moderna. Grandes áreas na cidade, até mesmo em regiões centrais consolidadas foram abandonadas à medida que são consideradas obsoletas em comparação às novas ocupações, podendo ser destruídas e reconstruídas a fim de responder à demanda da nova sociedade urbana.

O espaço da cidade é descentralizado e, ao mesmo tempo, recentralizado uma vez que os subúrbios proliferam e a cidade se dispersa com a ocupação das periferias, que atraem atividades e serviços. Com base nos estudos de Iain Chambers (1990), Soja aponta uma profunda mudança naquilo que a cidade representa, seu sentido para as pessoas e o simbolismo cultural que ela carrega. Ele denomina “desterritorialização” à fragilidade da relação de pertinência e identidade entre as pessoas e o lugar, e “reterritorialização” às novas formas e combinações de identidade territorial e espacialidade social que geram geografias humanas tão diferentes das anteriores.

Rem Koolhaas (1995) também indica o comportamento social como grande condicionante da mudança ao propor que as cidades contemporâneas apresentam uma série de características convergentes, classificando-as como “Cidades Genéricas”. Ele introduz o tema cujo foco central não está na cidade em si, mas a questão social da identidade. O comportamento social é grande impulsionador dessas mudanças e responsável pela generalização dos símbolos e da significação dada à organização dos elementos urbanos contemporâneos. A cidade se apresenta destituída de identidade, uma vez que os elementos que a representam sofreram mudanças de escala e da relação entre arquitetura e cidade, somadas à repetição em escala planetária.

Há uma libertação do passado histórico registrado no casco urbano, e mesmo nas cidades menos recentes, cada vez menos se “produz” história. Há uma reprodução repetitiva da história do passado e mesmo de outras culturas, o que leva a uma banalização de sua importância. Essa homogeneização é resultante do grande intercâmbio cultural veiculado pela mídia e pelos turistas, tendo como agravante o fato de que as atividades voltam-se, em sua maioria, para o consumo, o que faz com que os espaços públicos sejam todos, em essência, comerciais, e ofereçam sempre a mesma gama de serviços e programas. São aspectos que se assemelham às noções de desterritorialização e reterritorialização (SOJA, 2008).

A questão da identidade é especialmente interessante para Koolhaas, porque é diretamente proporcional à resistência que um lugar oferecerá à mudança, expansão e renovação da configuração do tecido urbano. Se a Cidade Genérica é destituída de identidade, significa que ela está em constante mutação, se expande e se renova desenfreadamente, sem limites e incapaz de gerar especificidades que a distingam de tantas outras formas urbanas.

Por outro lado, Koolhaas trabalha a ideia de que esta nova forma urbana, característica de países tropicais de terceiro mundo, surge da tábula rasa, onde antes não havia nada. Sua criação tem relação com um regime político um tanto quanto autoritário, no qual os dirigentes se propõem a começar uma nova cidade. O plano urbano concebido é ditado pelos fluxos e circulações, buscando a eficácia do trânsito de veículos automotores. Os setores originários do início de seu desenvolvimento possuem uma morfologia ordenada, que revela a ideologia da concepção. O tecido se mescla subitamente com os bairros que se expandiram de maneira dispersa e fragmentada, e apresenta pontos de verticalidade. Pode-se dizer que há aproximações com a visão tecnológica (VÁZQUEZ, 2004), a partir da qual mudanças sociais, econômicas e culturais se inter-relacionam.

Solá Morales (1996), por sua vez, aponta essas mudanças como resultado do crescimento urbano vertiginoso nos países em desenvolvimento. Essa nova configuração caracteriza-se por ser uma grande aglomeração, de estrutura física fragmentada e ilegível, carente de espaços livres públicos, inóspita e agressiva ao cidadão. Ele propõe conceitos de análise que traduzem as novas relações na cidade contemporânea. Os conceitos ligados à estrutura física são denominados “A forma da mudança – mutações”, “A forma das moções – fluxos” e “A forma da ausência – *terrain vague*” (SOLÁ-MORALES, 1996).

O conceito “mutações” diz respeito à rapidez com que a estrutura formal da cidade se transforma, noção convergente com os discursos de Soja (2000) e Koolhaas (1995). Por um lado, o crescimento físico e populacional é um processo tão rápido que foge ao controle das prescrições legislativas de ordenamento territorial. Por outro lado, os terrenos

urbanos sofrem verdadeiras mutações, porque as tecnologias permitem a rápida destruição e ainda mais rápida construção de novas edificações, num ritmo frenético de renovação.

Solá-Morales (1996) também aponta a importância dos “fluxos” como elementos condicionantes da estruturação urbana. Os fluxos materiais e imateriais, físicos e reais, informacionais ou simplesmente simbólicos se justapõem criando redes de distribuição que recortam formas nas estruturas urbanas e arquitetônicas.

Ao contrário de Soja, Solá-Morales critica o pensamento racionalista e a cidade moderna, apontando como uma falha a característica cartesiana de trabalhar o elemento da circulação em separado das outras funções urbanas modernistas. Propõe, ainda, que a cidade corbusiana, ao voltar-se para a produtividade e à eficácia em cumprir suas funções sociais, provoca um desencantamento nos cidadãos.

Essa insatisfação se manifesta na tendência por buscar lugares alternativos, avessos à realidade cotidiana das metrópoles. Este é o conceito de “*terrain vague*”, ou terrenos vagos, assim chamados pela dificuldade que há em defini-los. São áreas livres e subutilizadas, mas que apresentam grande potencial de uso público, caso sejam reintegradas à cidade, tornando-as propícias ao encontro e ao exercício da identidade. Pode-se dizer que a visão deste autor se aproxima da visão culturalista apontada por Vázquez (2004).

Mais uma vez o tema da identidade aparece na discussão da cidade contemporânea, mostrando-se recorrente nos três autores. A ideia de perda dos referenciais do passado, discurso recorrente de crítica ao urbanismo racionalista é perceptível nestes autores. No entanto, alertam para as mudanças de escala e tamanho das cidades. Ao constatarem rupturas e fragmentos colocam em xeque a força simbólica da cidade, enquanto lócus de expressão cultural particular. Ao mesmo tempo, verificam a ascensão de uma postura cultural midiaticizada e de alcance global, tornando, ao mesmo tempo, banais as tradições e elementos de diferenciação de cada sociedade. O Quadro 2 apresenta uma sistematização das ideias de cada autor, diferenciando os aspectos socioterritoriais e morfológicos que identificam nas novas formas urbanas.

Quadro 2: Discursos sobre a Cidade Contemporânea

Autores	Aspectos Morfológicos	Aspectos Socioespaciais
SOJA Pós-metrópole	<ul style="list-style-type: none"> • Tecido Urbano disperso; • Descentralização e Recentralização; • Destruição e Reconstrução. 	<ul style="list-style-type: none"> • Reflexo do Capitalismo e da Globalização; • Continuidade ao modelo corbusiano de urbanismo, adaptado aos moldes capitalistas; • Desterritorialização e Reterritorialização.
KOOLHAAS Cidade Genérica	<ul style="list-style-type: none"> • Cidade Dispersa e Fragmentada; • A morfologia reflete a ideologia; • Tecido ordenado X Ocupações desordenadas; • Plano urbano ditado pelos Fluxos; • Centro: Manutenção X Modernização; • Renovação Desenfreada; • Rápido crescimento; • Pontos de Verticalidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Países de terceiro mundo; • Capitalismo+Consumo; • Ausência de identidade; • Concepção de ideal Progressista; • Privilégio ao tráfego de veículos automotores; • Detrimento do pedestre; • Carência de espaços públicos; • Ineficácia do planejamento no controle territorial.
SOLÁ-MORALES Novas Cidades	<ul style="list-style-type: none"> • Estrutura física fragmentada; • Carência de espaços públicos; • Fluxos estruturam a malha urbana; • Mutações; • Terrain Vague. 	<ul style="list-style-type: none"> • Países em desenvolvimento; • Desencanto com a Cidade Moderna; • Busca pela identidade; • Ineficácia do planejamento no controle territorial.

Fonte: elaborado pelos autores, 2013.

Pode-se averiguar os aspectos morfológicos e socioterritoriais que são comuns aos três autores (Quadro 2), evidenciando-se regularidades em seus discursos, podendo assim definir as características que perfazem os tramos da cidade contemporânea. Também puderam ser identificados atributos presentes nas diferentes discussões que ora se repetem, ora se complementam (quadro 3).

Quadro 3: Características da Cidade Contemporânea

Aspectos Morfológicos	Aspectos Socioespaciais
<ul style="list-style-type: none"> • Plano urbano ditado pelos fluxos; • A morfologia reflete os fenômenos da dinâmica urbana; • Mutações do tecido; • Tecido urbano disperso e fragmentado; • Pontos de Verticalidade; • Carente de espaços públicos; 	<ul style="list-style-type: none"> • Países em desenvolvimento; • Capitalismo+Globalização • Novo modo de vida = nova identidade = nova cidade; • Criada da tábula rasa sob ideal progressista; • Privilegia os carros em detrimento dos pedestres; • Crescimento vertiginoso; • Pouca expressão da identidade.

Fonte: elaborado pelos autores, 2013.

Pode-se elencar aspectos da cidade contemporânea por ela: (1) estar presente em países em desenvolvimento; (2) ser resultante das reestruturações capitalistas e da acentuada globalização; (3) pode ter sido criada da tábula rasa sob ideal progressista; (4) ter plano urbano ditado pelos fluxos; (5) ter dado privilégio à circulação de veículos em detrimento à circulação de pedestres; (6) apresentar, evidenciados em seu tecido urbano, fenômenos que influenciam a dinâmica urbana; (7) mutar, expandir-se e renovar-se num ritmo rápido, contínuo e acelerado; (8) possuir tecido disperso e fragmentado; (9) apresentar pontos de verticalização; (10) ser carente de espaços públicos; (11) ser carente de expressão cultural e identidade; e, também, (12) pelas pessoas assumirem um modo de vida voltado para o consumo. Características que expressam a heterogeneidade do espaço urbano atual.

Considerações Finais

A questão da identidade pode ser tomada como exemplo para evidenciar esta heterogeneidade. A presença de fragmentos e peças desconexas e articuladas em diferentes escalas ensejam a investigação das dinâmicas socioterritoriais e as espacialidades que são expressas pelas mudanças econômicas, a introdução das redes e fluxos informacionais, assim como a tomada da cultura como mercadoria de consumo. Os espaços públicos, recorrentemente valorizados, revelam as reinvenções e práticas sociais atreladas ao consumo, em que a dualidade e a segregação do espaço concorrem com os fluxos globais.

Muitas vezes, as remodelações refletem posturas progressistas e desenvolvimentista. Porém, Solá-Morales já apontava que é uma falha trabalhar a noção de fluxos urbanos limitado à questão dos transportes. Sendo assim, a informação e a comunicação também compõem a rede de interconexões da cidade contemporânea, e através desta malha de fluxos imateriais e materiais, a cidade contemporânea se insere no âmbito global e volta-se para o consumo.

Referências

- BORJA, Jordi; MUXÍ, Zaida. **El espacio público, ciudad y ciudadanía**. Barcelona: Diputació de Barcelona, 2001.
- CASTELLS, Manuel. **A Questão urbana**. Editora Paz e Terra: São Paulo, 1996.
- _____. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Editora Paz e Terra: São Paulo, 1999. v. 1
- CHOAY, Françoise (1965). **O urbanismo: utopias e realidades**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- JACOBS, Jane (1961). **Morte e vida das grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KOOLHAAS, Rem. **Delirious New York**. Nova York: Monacelli Press, 1978.
- _____. **The global city: introducing a concept and its history**. In: KOOLHAAS, Rem [et. al.]. *Mutations*. Actar: Barcelona, 2001. p. 104-115.
- KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. **S, M, L, XL**. Nova York: Monacelli Press, 1995.
- LYNCH, Kevin (1960). **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Coleção a.
- MUXI, Zaida. **La arquitectura de la ciudad global**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2004.
- ROSSI, Aldo (1966). **A arquitetura da cidade**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SASSEN, Saskia. **As cidades na economia mundial**. São Paulo: Nobel, 1991.
- SOJA, Edward W. *Postmetrópolis: Estudios críticos sobre las ciudades y las regiones*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2008.
- SOLÁ MORALES, Ignasi. **Presente y futuros: La arquitectura en las ciudades**. Barcelona: Col·legi Oficial d'Arquitectes de Catalunya / Centre de Cultura Contemporània, 1996. p10-23.
- VALVA, Milena D'Ayala. **Da Renovatio Urbis à Cidade Porosa**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.
- VÁZQUEZ, Carlos Gracia. **Ciudad hojaldre: visiones urbanas del siglo XXI**. Barcelona: Gustavo Gili, 2004.